

## **Acabou a luz! Comunicação: meio de meios. E a midiaticização?<sup>1</sup>**

### **No (more light!) Communication: means of means. What about mediatization?**

Fabiola Ballarati Chechetto

**Palavras-chave:** Comunicação; Midiaticização; Epistemologia da Comunicação.

Na véspera do aniversário da cidade de São Paulo, um forte temporal inundou ruas, alagou uma estação de metrô e deixou mais de 140 mil imóveis sem luz na capital paulistana e mais de 179 mil sem energia no estado. A Defesa Civil enviou pela primeira vez um “alerta severo” via celulares e em três horas choveu metade do previsto para o mês inteiro, com 122 milímetros de chuva, quedas de árvores, enchentes, 421 km de congestionamento, e a queda parcial do teto de um shopping center (Boas et al., 2025).

Naquele dia acabou a luz também em minha casa e trabalhando em *home-office*, o computador desligou-se, a bateria do celular esgotou, tive que lavar louças com água fria e apelar para uma velha lamparina à querosene, de modo a fazer uma ou outra anotação sobre as ideias que chegaram ante o ocorrido. Sem eletricidade, toda a mídia tecnológica de comunicação não funciona, o que isso quer dizer? – anotei. A eletricidade seria um meio, uma espécie de “matriz” das mídias que nos rodeiam e alimentam o nosso trabalho, vida social digital, estudos, pesquisas, trocas de mensagens, telefonemas, séries televisivas, músicas no rádio, noticiário, acesso às informações que estão circulando enquanto o apagão tudo pareceu silenciar.

Se a eletricidade seria um sistema que ativa as tecnologias, ela parece ter ainda, uma enorme importância, embora seja colocada com frequência em segundo plano, não sendo mencionada pelos atuais estudos em comunicação, a não ser pela passagem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiaticização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

histórica, como uma grande invenção do século XIX que impactou toda uma época. Mas e hoje? Como as composições entre eletricidade, cidade, tecnologias e reações à falta de eletricidade nos alertam cognitivamente para aprender com as mídias e sobretudo com o que o meio fazendo com as mídias pode nos convidar a reagir?

A eletricidade foi inventada na Modernidade e cria um modo de estar no mundo e a experiência empírica de falta de eletricidade, também gera um outro modo de reagir ao mundo e é a partir destas conexões que esta pesquisa navega. A falta de energia desliga o rádio, a internet, a televisão, a luz pública das ruas, os modems, as máquinas em geral, deixando no escuro os escritórios, restaurantes, as lojas e farmácias. Entretanto a falta de luz também nos obriga a voltar a olhar para o analógico, a lembrar do corpo, de outras fontes de energia, nos mobiliza talvez a bater na porta do vizinho em vez de lhe enviar um whatsapp, a cooperar com caixas de isopor para tentar conservar alimentos congelados por mais tempo, ou procurar outros tipos de ajuda, a descolarmos do conforto das telas.

Em 1967 Jean Baudrillard escrevia uma resenha sobre a emblemática obra de Marshall McLuhan (1964): “*Media: The Extensions of Man*” indicando o assinalamento da entrada na “Idade Elétrica” (Electric Age) que está sucedendo a Era da Alfabetização, uma era de “explosão” seguida por uma de “implosão”, que põe fim há séculos de cultura visual e reintroduz uma comunicação instantânea e relações tribais (culturas orais antes da impressão), e essa é a tese geral do livro. Todavia, Baudrillard (2017, p. 81) critica ironicamente McLuhan sobre o modo como encara o processo civilizatório, a dicotomia entre mídia “quente” e “fria” e o pensador francês indica que embora o pensamento mcLuhiano exponha o papel revolucionário das mídias elétricas no caminho de acesso da “aldeia global”, McLuhan não estaria suficientemente equipado para uma análise histórica, social e portanto política dos processamentos culturais modernos.

Em outra perspectiva, na leitura de Tursi (2006, pág. 207), “a eletricidade, sob a forma de luz elétrica, também oferece a McLuhan a oportunidade de apresentar uma tese que sela a interpretação das mídias como tradutoras”, ou seja, se para McLuhan a luz elétrica é informação em estudo puro, sendo um meio, por assim dizer, sem mensagem, indicaria que o “conteúdo” de um *medium* seria sempre um outra *médium*. Assim o meio da escrita seria a fala, o meio da impressão, a escrita, o meio do telégrafo, a impressão. Já para Cassinari (2006, pág. 137), “segundo McLuhan, a eletricidade não representa um caso limite entre as mídias, mas sim o paradigma de toda relação

mediática [...], isto é, a eletricidade não é apenas uma mídia, mas um *médium*, entendido como meio ativador de mídias, que por sua vez estão sempre recursivamente remetendo-se a outras mídias, anteriores ou posteriores, em nossas relações sociais ao longo do tempo.

Antes de McLuhan, Lewis Mumford, nos anos 1930, foi um pioneiro na história da tecnologia, da evolução tecnológica e apresenta uma teoria da história, na qual diferentes épocas são definidas por diferentes ecologias ou complexos tecnológicos, e em vez da concepção mais popular referenciada pela Revolução industrial, Mumford enfatiza a evolução da máquina e da civilização das máquinas ao longo três fases sucessivas, sobrepostas e interpenetrantes, definidas por ferramentas, técnicas, materiais e fontes de energia características. Nesse rastreamento de Lance Strate (2004, p. 25) indica que:

No geral, ele via a história da tecnologia como uma história em que uma ideologia mecânica havia substituído uma orgânica e, esperançosamente, seria substituída por uma recuperação ou reversão à ideologia orgânica por meio da eletricidade. Embora o otimismo inicial de Mumford tenha se dissolvido após a Segunda Guerra Mundial, sua avaliação inicial serviu de base para a discussão de McLuhan sobre eletricidade e comunicações eletrônicas em *Understanding Media* (Strate, 2004, p. 25).

Nesse sentido, a comunicação só parece existir por conectar meio de meios, *medium* de *médium*, que as mídias participam, ou seja, quer dizer que um “meio” (ambiente) é a composição de conexões de várias mídias que por contiguidade, não assimétrica, interagem nas fronteiras de outros meios ambientes, de distintas semioses, nas trocas de informações, justamente pelo encontro entre diferentes. Quando acaba a luz, termina toda a mediatização? Pelo contrário, talvez a mediatização seja mais um modo de agir com os meios do que um processo de transmissão ou recepção passiva para com as mídias. A definição de mediatização como “processo”, parece solapar a autonomia dos meios em defasagem para com o “poder” midiático, que sem dúvida tem seus elementos persuasivos e procura impor a hegemonia de um modo de ver de mão única, todavia esta visada parece retirar a ação de “mediatizar” e deixá-la apenas como fato dado “sob influência”, na qual estamos inevitavelmente “mediatizados”.

De uma fenomenologia descritiva de “circulação”, que talvez nos parece incompleta e tende a observar de maneira muito mais descritiva e para registro de um retrato social, em forma de diagnóstico das redes que “fazem circular” os pacotes já prontos de informações, falsas ou não, talvez seja possível passar para uma atitude

epistemológica de sensibilidade pragmaticista, na medida em que a circulação conta, certamente, mas pode se tornar retórica atualizada para antigos moldes de transmissão generalizada, somente substituindo nomenclaturas. O que podemos fazer com essa sobreposição de meios, ao longo da história, que vão nascendo e tentando responder às exigências das mudanças de realidade? Se estamos em midiatização, e a transformação dos meios e conseqüentemente das mídias ocorrem com descompassos, seria possível uma tentativa que ultrapasse a descrição e atinja o midiatizar como um conhecimento novo que age em comunicação, através dela e contra si, reformulando o próprio conceito?

Quando acaba a luz em uma cidade como São Paulo, todo um sistema midiático é impactado, mas como lembra Ferrara (2018, p. 141), “embora as tecnologias interfiram sobre o modo como se dá o processo comunicativo, isso não quer dizer que elas o determinem ou que toda comunicação seja, nos nossos dias, sempre midiática”, portanto as programações urbanas, televisivas, eletrônicas e de envio de textos e imagens na imediatez, falha, cria ruído e gera novas maneiras de comunicar, pelos meios da casa, do corpo, da rua, da voz do outro, da tutilidade no escuro, da espera, do inesperado, da memória que busca objetos, localizações no espaço, formas antigas de se mover, gestualidade por outros meios.

Nos estudos do final dos anos 1980 de Paul Levinson (1989, p. 390), o pensador americano contrasta seu mentor e orientador Neil Postman, que dizia que o hábito de assistir televisão embaralhava nossa capacidade de ler, ou seja, a mídia eletrônica como inimiga da razão e da leitura, no entanto Levinson observa que, pelo contrário, a história da eletricidade e das comunicações mostram outras possibilidades:

A própria eletricidade tornou-se uma aliada potente e mais literal da alfabetização no final do século XIX, quando a iluminação elétrica permitiu que as pessoas lessem com a mesma facilidade a qualquer hora do dia ou da noite. Mesmo considerando as contribuições um pouco maiores do alfabeto e da prensa tipográfica, o advento de uma fonte segura e potente de luz para leitura por meio da eletricidade continua sendo um dos incentivos mais significativos para as palavras escritas, eliminando para sempre a dependência dos leitores dos ciclos naturais de luz ou de formas perigosas de luz artificial em velas, querosene, lâmpadas e luminárias a gás. (Levinson, 1989, p. 390 e 391)

A liberação que a energia elétrica proporcionou à leitura e à escrita parece ser um fator relevante para a midiatização, mas na realidade não seria o *médium* per se que proporcionaria um ampliamto da efetiva leitura, mas uma criação de condições para

que as pessoas pudessem estender seus hábitos, modificar suas crenças e consequentemente criar novos estilos de vida, com hábitos completamente diferentes. Curioso notar que Kittler (2019, p. 33) mapeia as arqueologias das mídias na tensão com as histórias dois meios mencionando que a eletricidade teria dado um fim nas lembranças, sonhos, fantasmas, pois tornando-se tecnicamente reproduzíveis, “então a força da alucinação se torna desnecessária, tanto nos escritores quanto nos leitores”. A luz traria liberação das antigas mídias, ou extermínio de obsoletos modos de ver, para iluminar outra capacidade de inventar?

A mediação passa por diversos canais em cruzamentos, em especial com o objeto técnico que de acordo com Stiegler (2023, n.p.):

[...] é o ponto de encontro de dois ambientes, o técnico e o geográfico, e deve ser integrado em ambos. É um compromisso entre esses dois mundos. Assim, o motor elétrico de tração é duplamente articulado: à rede elétrica, que transmite energia elétrica do ambiente técnico, que transforma em energia mecânica, e à forma da paisagem, ambiente geográfico variado ao qual suas características e a rede ferroviária adaptam a energia mecânica. Por meio do motor de tração, os dois mundos atuam um sobre o outro. (Stiegler, 2023, n.p.)

Ora, se o objeto técnico, elemento fundamental para as mediações, é *lugar* de encontro entre *médium* e mídias, parece haver mútuas transformações entre modalidades de energia e paisagem, meios de transporte e meios comunicativos. Lembramos com Logan (2012, p. 159) que “Todas as tecnologias são derivadas ou descendem de alguma ferramenta anterior. [...] As ferramentas descendem de geração em geração”, vale dizer que o objeto técnico aciona as ferramentas por meio de um mediação, embora as próprias ferramentas gerem ambientes que, como mensagens, impactam as formas de utilização, recepção e leitura dos próprios ambientes. Ler na tela do computador com a luz do bit é diferente da leitura à luz de velas, assim como da leitura no papel com a luz do dia pode ser análoga a suscitar diferentes reações, ideias, maneiras materiais de encarar o gesto de acesso à informação e ao ambiente da qual faz parte.

As mídias podem transformar os meios, pela mediação, mas com Ferrara (2020, p. 277) aprendemos que “[...] os meios se transformam em mídias, pois o que está em questão não é a singularidade tecnológica de cada meio ou grupo de meios, mas seu efeito cultural performático que atravessa as mediações e atinge, interativamente, as mediações”. Dessa forma, mediação recoloca as incertezas da cultura e a imprevisibilidade da natureza que exige indagações importantes para repensar o mundo

contemporâneo com as emergências ambientais. Estamos mediatizando em um jogo epistemológico entre meios e mídias, pois quando a luz acaba, e nós com a cidade continuamos a comunicar, talvez se reacendam outras mídias que, há muito, os meios vistos meramente como mediações, talvez não estejam, na realidade, apagados.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. Marshall McLuhan, Understanding Media: The Extensions of Man. **Lo Sguardo** - Rivista di Filosofia, n. 23, 2017.

BOAS, Pedro Vilas et al. Caos em SP: temporal inunda ruas e alaga metrô; há 27 mil imóveis sem luz. **Uol**. Cotidiano. 25 jan. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/01/24/chuvas-em-sao-paulo-janeiro-2025.htm> Acesso em: 31 mar. 2025.

CASSINARI, Flavio. Tecnica e informazione. Per una critica dell'ideologia della comunicazione. Em: D'ALESSANDRO, Paolo; POTESTIO, Andrea (Orgs.). **Filosofia della tecnica**. Milano: LED Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2006.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. A epistemologia da diferença. **Anais XXX Encontro da Compós**. São Paulo, 2021.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Entre meios: o lugar da mediação. Em: FERREIRA, Jairo... [et al.] (org.). **Mediação, polarização e intolerância** (entre ambientes, meios e circulações). [recurso eletrônico] / Santa Maria: FACOS - UFSM, 2020. p. 275-295.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As semioses da mediação. Em: FERREIRA, Jairo...[et al.] (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a mediação?** [recurso eletrônico]. Santa Maria: FACOS - UFSM, p. 139-160, 2018.

KITTLER, Friedrich. **Gramofone, filme, typewriter**. Trad. Guilherme Gontijo Flores, Daniel Martineschen. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

KITTLER, Friedrich. **Mídias ópticas: curso em Berlim, 1999**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

LEVINSON, Paul. Intelligent Writing. The Electronic Liberation of Text. **Technology in Society**. Vol. 11, 1989, p. 387-400.

LOGAN, Robert K. **Que é Informação**. Trad. Adriana Braga. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ: 2012.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2000.

MCLUHAN, Marshall. **Gli strumenti del comunicare.** Milano: Garzanti, 1977, p. 11.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação.** Trad. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000.

STIEGLER, Bernard. **La colpa di Epimeteo.** La tecnica e il tempo. Trad. Claudio Tarditi. (Org.) Paolo Vignola. Roma: Luiss University Press, 2023.

STRATE, Lance. A Media Ecology Review. **Communication Research Trends.** Centre for the Study of Communication and Culture, v. 23, n. 2, 2004.

TURSI, Antonio. La Traduzione dei media. **Heteroglossia.** Quaderno della Sezione Linguistica del Dipartimento di Studi su Mutamento Sociale, Istituzioni giuridiche e Comunicazione. Macerata: Edizioni Università di Macerata, 2006.